

III Encontro da ANPPAS
23 a 26 de maio de 2006
Brasília-DF

**A Comunidade Indígena Emberá–Chamí de Cristianía no
Departamento de Antioquia na Colômbia: *Sociedade
Primitiva ou Sociedade Camponesa?***

Jorge Eliécer Acosta Suárez

(UFRGS - IEPE - PGDR)

Alexandra Gutierrez Castrillón

(UN - Dpto de Ingeniería Agrícola - Colômbia)

Resumo

Este trabalho visa analisar, definir, caracterizar e classificar a comunidade de Cristianía no Departamento de Antioquia como uma sociedade primitiva ou camponesa através das perspectivas teóricas dos autores Marshall D. Sahlins e Eric Wolf, relacionando os aspectos das duas percepções com as características econômicas, culturais e sociais do povo indígena Emberá-Chamí. O desenvolvimento do trabalho se fez baseado nas características, argumentos e vivências da etnia Emberá-Chamí, no seu processo de adaptação e de inscrição a uma vida de ordem nacional do Estado Colombiano, e pretende definir a linha entre o que poder-se-ia considerar uma sociedade primitiva ou camponesa tendo como universo empírico as reservas indígenas da região andina colombiana. As contribuições abordadas no trabalho não abrangem a ampla trajetória dos autores citados, mas sem dúvida são contribuições importantes para os estudiosos das populações rurais.

A Comunidade Indígena Emberá–Chamí de Cristianía no Departamento de Antioquia na Colômbia: *Sociedade Primitiva ou Sociedade Camponesa?*

Introdução

Nos dias atuais a Colômbia está levando à discussão o comportamento das comunidades indígenas em todo o país, pois a grande maioria destes povos está apresentando características cada vez mais semelhantes aos denominados camponeses.

Esta discussão é levada a cabo pelo governo nacional, que pretende por sua vez eliminar os apoios e as políticas públicas que protegem estes tipos de populações.

Por outro lado, estão as organizações indígenas nacionais que defendem a multiculturalidade do país e o respeito pela diversidade, e, além disso, ratificam o direito que as comunidades indígenas têm a um tratamento diferenciado por meio de uma legislação especial.

Em meio desta luta encontra-se a comunidade indígena Emberá–Chamí de Cristianía no Departamento de Antioquia, e por isso esta comunidade converte-se no tema deste trabalho, tendo como objetivo responder a seguinte questão: é a comunidade indígena Emberá-Chamí de Cristianía uma sociedade primitiva ou uma sociedade camponesa?.

Esta pergunta tratara de ser debatida pela perspectiva Sahlins (1984, 1988), através da qual se pretende fazer uma interpretação prática das economias e das sociedades primitivas, visando uma compreensão antropológica – econômica. Esta perspectiva será usada como ferramenta, para identificar características e condições especiais na comunidade de Cristianía, levando o conhecimento do comportamento como sociedade, como também, permitir de algum modo classificar e compreender melhor sua evolução e comportamento.

Além da perspectiva de Sahlins (1984, 1988) outra análise será feita paralelamente, a qual será baseada na perspectiva de Wolf (1976, 2003), esta visa debater se a comunidade de Cristianía tem características de uma sociedade camponesa. Wolf (1976, 2003) trata as sociedades camponesas através de uma perspectiva antropológica, onde se evidencia que o mundo camponês é ordenado, e possui suas formas de organização particulares, que serviram para dar a resposta a questão feita no presente escrito.

O desenvolvimento do trabalho se fez baseado nas características, argumentos e vivências da comunidade indígena Emberá-Chamí de Cristianía, no seu processo de adaptação e de inscrição a uma vida de ordem nacional na Colômbia, e pretende definir si a comunidade de Cristianía é uma sociedade primitiva ou camponesa?, e, até mesmo chegar a equivaler ao

que poder-se-ia nomear uma comunidade nos limites entre uma sociedade primitiva e uma sociedade camponesa.

Portanto, fica claro que o trabalho tem como objetivo analisar, definir, caracterizar e classificar a comunidade de Cristianía numa sociedade primitiva ou camponesa através das perspectivas teóricas dos autores Marshall D. Sahlins e Eric Wolf, relacionando assim aspectos das duas percepções com as características deste povo indígena.

As contribuições abordadas neste trabalho certamente não contemplam a ampla trajetória dos autores citados neste tema, são apenas algumas contribuições as sociedades primitivas e camponesas, mas sem dúvida, são contribuições importantes para os estudiosos das populações rurais, e sobre tudo para o ótimo desenvolvimento deste escrito.

Sociedades Primitivas: contribuições de Marshall Sahlins.

Sahlins (1930) é um dos antropólogos americanos mais importantes atualmente. Sua experiência está ligada à Universidade de Chicago e evoluiu desde os escritos dos campos na Polinésia sob a influência dos trabalhos feitos por Hocart, Lévi – Strauss e Dumézil orientados a uma antropologia histórica, passando pela crítica à economia antropológica do funcionalismo e além disso mais tarde passa ao biologismo da escola culturalista de Harris

Este antropólogo baseando-se em conceitos e fontes arqueológicas e coloniais define às “sociedades primitivas” não como sociedades caracterizadas pela carência e pelas técnicas rudimentares usadas para a produção, e sim, sociedades conhecidas pela “opulência” da sua produção, ou seja, define-se uma sociedade primitiva como uma sociedade “opulenta”, aquela que satisfaz com facilidade todas as necessidades materiais de seus indivíduos.

Para Sahlins chegar à dita demarcação das sociedades primitivas faz uma apresentação e esclarecimento nos seus trabalhos do grau de confiabilidade no acesso e administração dos recursos, a utilização de tecnologia simples que harmonizava com a racionalidade dos seus sistemas de exploração do meio ambiente e uma dieta compensada. Sob todas estas afirmações Sahlins propõe uma dicotomia para alcançar a “opulência”, entendendo como opulência a capacidade que uma sociedade tem para lograr satisfazer suas necessidade e suas metas: ***“Bem produzindo muito” ou “bem desejando pouco”***.

A primeira parte da dicotomia (bem produzindo muito) leva-nos ao modo como a tecnologia articula-se com a sociedade na cultura capitalista e a segunda (bem desejando pouco), ao modo de vida das sociedades primitivas, cuja relação com a natureza é mais equilibrada, usando-se apenas o necessário para ele e a sua família “subsistência”. Sob este

contexto poder-se-ia dizer que as sociedades, além da “subsistência”, logravam contribuir à conservação e o crescimento da biodiversidade, garantindo desta forma sua segurança alimentar.

Para as sociedades primitivas não é de muita importância aqueles produtos não essenciais para a sua “subsistência”, este tipo de necessidade é compensado com facilidade, pois dependem basicamente dos meios de produção disponíveis, ou seja, poder-se-ia concluir que estão diretamente ligados ao aspecto cultural da sociedade e ambiental do território, designado por Sahlins como “*abundância material*”, no seu livro “*Economia da Idade de Pedra*” publicado no ano 1974, e definido assim:

“Esa “abundancia material” depende en parte de las facilidades de producción, y está en la simplicidad de la tecnología y la democracia de la propiedad. Los productos son de fabricación casera: hechos de piedra, hueso, madera, piel, todos los materiales que “se encuentren en abundancia a su alrededor””.

Para as sociedades primitivas o uso e a posse de produtos não essenciais é de caráter comum, evidenciando-se deste modo, o sentimento de compartilhá-lho para o benefício e o aproveitamento comunitário.

Enquanto à divisão do trabalho para as sociedades primitivas se faz de um modo muito simples, divisão por sexos, e que corresponde à organização social, cultural e política destas sociedades, tal característica é compreensível pelo ponto de vista de Sahlins ao discutir sobre a antropologia oficial no livro “*Economia da Idade de Pedra*”, que diz:

“la economía se convierte en una categoría de la cultura, más que de la conducta, más cercana a la política, a la religión, que la racionalidad o a la prudencia”

Sahlins (1984, 1988) faz uma grande contribuição ao definir e conceituar o “modo de produção doméstico”, indicando uma formação econômica geral onde só se pensava na existência de modos de produção de subsistência de diferentes tipos (caçar, colheitar, plantar, etc.). Ele define o modo de produção doméstico como economias organizadas pelos grupos domésticos e de relações de parentesco. Entendendo isto, logo se pode dizer que, as sociedades primitivas subutilizam os recursos e a capacidade do trabalho, visando ou fazendo referência mais a um pensamento de uso comunitário e estando sujeitos a sua cultura e a sua concepção de trabalho (relações sociais, acreditar nos seus mitos, seus ritmos de vida, a dinâmica comunitária, a dinâmica ambiental, conhecimento dos seus territórios e a produtividade deles, entre outros).

Outro aspecto importante evidenciado nos escritos de Sahlins (1984, 1988), em relação às sociedades primitivas, refere-se às modalidades de troca que estão inseridas numa lógica não capitalista, ou seja, entre os indivíduos da sociedade não permite-se a prática de liberdade de lucro a despesas de outro (don/contradon, Sahlins, 1988). Portanto, as modalidades de troca desenvolvem-se no sentido de proporcionar o bemestar a todos os indivíduos da sociedade, mas, desde um pensamento de contraprestações de favores, tendo um nível de vida equilibrado e igualitário dentro da sociedade.

Para concluir, acredito que sem nenhuma discussão, o aporte mais importante que fez Sahlins ao debater sobre sociedades primitivas foi dar um enfoque antropológico - cultural à economia, dizendo que as práticas humanas estão inseparavelmente relacionadas com os símbolos e que por tanto, também estão formadas por estes mesmos símbolos. Sahlins faz isto evidentemente quando diz que o capitalismo ocidental é um sistema cultural cujo único caráter:

“consiste no en el hecho de que el sistema económico escape a la determinación simbólica, sino en que el simbolismo económico es estructuralmente determinante”

A defesa feita a uma percepção mais cultural (idéias, símbolos, visão do mundo), inclusive no capitalismo, é uma contribuição única da antropologia ao estudo das economias, e uma perspectiva crítica para compreender o globalmente econômico.

Sociedades Camponesas: contribuições de Eric Wolf.

Eric Wolf (1923 – 1999) era um antropólogo reconhecido pelos estudos realizados na América Latina e a sua defesa de perspectivas marxistas dentro da antropologia. O autor converte-se numa leitura obrigatória para aqueles estudiosos da política, do campesinato e em geral, para todos os interessados em etnografias do capitalismo.

Wolf (1976, 2003), a partir duma abordagem antropológica, realiza uma caracterização do que é uma sociedade camponesa. Com este propósito, o autor faz uma discussão ao redor de uma série de comparações com as comunidades primitivas chegando a uma ruptura entre as duas. Ele define as sociedades camponesas como segmentos da espécie humana que permaneceram a meio caminho entre tribo primitiva e sociedade industrial. E a respeito disto diz:

“...es importante reconocer que los pueblos crean sus culturas no en aislamiento, sino en procesos interactivos de gran intensidad. Los campesinos no son elementos ajenos a nuestra sociedad, por el contrario, constituyen la dimensión social donde se funden el pasado y la

actualidad. La realidad campesina integra una riqueza de fenómenos e interrelaciones que nos muestran cómo la historia social contiene un movimiento permanente, caracterizado por un ritmo que alterna continuidad y discontinuidad aun en sus procesos más simples; como la propia naturaleza humana se finca en una tremenda diversidad...” (1987).

Em primeiro lugar, estabelece que os camponeses estejam inseridos numa sociedade mais complexa, ainda que os povos primitivos não sejam isolados, o caráter do relacionamento com o exterior de cada um deles é diferenciado. Nos povos primitivos a estrutura econômica, por exemplo, não está ligada a uma dependência ou domínio do poder, nem a uma relação de exploração, portanto, situam-se diante de uma produção limitada só para a subsistência ou para produtos que possam ser trocados por seu equivalente dentro de outros grupos primitivos.

No entanto, os camponeses têm que transferir seus excedentes de produção a grupos dominantes, e assim, garantir sua própria vida, ou seja, seu próprio meio produtivo o qual seria sua força de trabalho. Neste sentido, Wolf (1976, 2003) defende que, numa sociedade camponesa, o objetivo é garantir o fundo de manutenção o qual o define como:

“...Os gastos necessários para a restauração do equipamento mínimo, tanto para a produção como para o consumo...”.

Wolf (1976, 2003), ressalta a importância de pensar o fundo de manutenção em termos não apenas técnicos, como citado no parágrafo acima, senão também em termos culturais, entendendo como termo cultural, todos aqueles objetos incorporados na vida do agricultor e que se convertem em necessidade cotidiana, esta idéia fica evidenciada quando Wolf diz:

“...Mas uma vez que os copos de barro já estão completamente integrados nas solicitações culturais de um homem, eles passam a significar mais que um simples meio de se beber água – transformam-se em um comprometimento, diante do qual o homem deverá desdobrar-se para obter...”

Wolf (1976, 2003), faz um avanço importante falando da divisão funcional do trabalho entre os que cultivam e os que governam e o processo de adaptabilidade ou não dos indivíduos de determinadas regiões (novas condições ambientais e novas condições sociais e culturais), frente a isto o autor diz:

“...Os habitantes de certas regiões nunca chegaram a aceitar o cultivo da terra ou fizeram com relutância, enquanto outros tomavam a dianteira para alcançar novos níveis de produtividade e organização social, que permitissem o desdobramento da divisão funcional

do trabalho entre os que cultivam e detêm o poder, o que definimos como marco da civilização.”

Na idéia de que um camponês sempre está inserido dentro de um sistema maior, Wolf diz que o esforço feito por um camponês para sustentar seus meios de produção e para cobrir a suas despesas cerimoniais está condicionado pela maneira pela qual o trabalho está dividido na sociedade a que o camponês pertence, bem como pelas regras que orientam a divisão social do trabalho.

Dentro da discussão da definição do termo camponês e falando do que Wolf alcunha como “fundo de aluguel”, entendido como relação existente entre produtores de excedentes (camponês) e o grupo dominante (homens que exigem pagamentos de outros), pode-se notar a grande contribuição do autor ao definir esta relação como uma “*relação estrutural assimétrica*”, elevando ao “fundo de aluguel” como a característica que distingue criticamente um camponês de um cultivador primitivo.

Acerca do relacionamento que existe entre as cidades e cultivadores, o autor é claro e define, que não se faz necessário saber onde localiza-se o centro do poder (fazendo referência ao campo ou a cidade), mas se é importante conhecer e ter claro a forma de cristalização deste poder, já que é assim que logra-se a diferenciação entre uma forma de sociedade primitiva e uma civilizada. Confirmando isto, Wolf (1976, 2003) diz:

“...Portanto, é somente quando um cultivador está integrado em uma sociedade com um Estado – isto é, somente quando o cultivador passa a estar sujeito a exigência e sanções de detentores do poder, exteriores a seu estrato social – que podemos falar apropriadamente de um campesinato.”

Desta maneira se ressalta a importância que tem o relacionamento atual entre o Estado (entendido como nação) e as sociedades denominadas camponesas por diferentes meios, bem seja, por políticas públicas, por legislação nacional, por conceito empírico ou por qualquer outro meio, e se confirma o olhar complexo das sociedades camponesas.

Para Wolf (1976, 2003), a família camponesa divide-se em *nuclear ou conjugal*, que consiste em homem e mulher casados e sua prole, incluindo diversos itens nas relações como o coito entre o homem e a mulher (díade sexual), a relação mãe-filho (díade maternal) e a relação pai-filho (díade paternal); e *famílias extensas*, que agrupam em uma única estrutura certo número de famílias nucleares.

Na sociedade camponesa, aparece um fenômeno temporário em condições limites, onde a terra tornou-se abundante em relação à população e oferece oportunidades a jovens

que desejam desligar-se de suas famílias. Essas famílias conjugais podem mostrar-se temporárias, pois se tornarão famílias extensas se as condições as favorecerem.

Pode-se atribuir outras contribuições a Eric Wolf como, por exemplo, a explicação ao questionamento sobre o lugar que ocupa o campesinato na sociedade (dependendo do tipo de sociedade), o olhar que se dá à unidade camponesa como unidade de consumo, que não só vai cobrir as necessidades alimentares de seus componentes, mas também vai atender a outros serviços (relacionados mais com as relações entre membros da família, Mãe – Criança, doentes, etc.), além de reafirmar que o controle da terra e a capacidade de cultivá-la dá ao camponês, autonomia e aumenta consideravelmente a sua capacidade de sobreviver, o que lhes dá uma vantagem comparativa frente a outros grupos.

Comunidade Indígena Emberá–Chamí de Cristianía

Características Gerais

No município de Jardín, no sudoeste do departamento de Antioquia na Colômbia, localiza-se a reserva indígena de Cristianía, na qual mora a comunidade Emberá – Chamí, esta comunidade é atravessada pela “Estrada do Café”, que coloca a reserva a uma distância de 12 km em relação ao centro urbano do município de Jardín e a 5 km em relação ao centro urbano do município de Andes.

A sua localização geográfica corresponde aos 75° 54’ 58” de longitude ao W, e os 5° 47’46” de latitude ao norte. Esta comunidade localiza-se a uma altura compreendida entre os 1500 e os 1700 msnm¹, e apresenta uma topografia com fortes desníveis. A sua temperatura média está entre 19.8 °C e 25.8 °C, ou seja, que pertence ao clima “templado²” do país e a sua precipitação anual é de 2.083 mm.

A comunidade pertence desde o ponto de vista étnico ao lingüístico aos Emberá – Chamí do grupo do Chocó³. A reserva conta atualmente com uma área de terra de 391.81 ha., e uma população de aproximadamente 1.343 habitantes, agrupados em 274 famílias, com isto se pode dar conta da densidade populacional da reserva. A população encontra-se dividida assim: 692 homens, 651 mulheres, 274 famílias e 239 vivendas. A comunidade possui alguma infraestrutura, como eletricidade, telefone e uma rádio comunitária “Chamí – Estéreo”.

A economia desenvolve-se sob o conceito coletivo da propriedade, e, portanto, o usufruto da terra é de distribuição comum. A prática da agricultura tradicional é intensiva e não-mecanizada, consistindo de plantações de café, banana, mandioca e cana-de-açúcar, e no sistema pecuário encontra-se uma prática totalmente doméstica, sendo que o mais representativo é a criação de galinhas. As principais atividades dos homens é a agricultura e a mineira, entretanto as mulheres dedicam-se à família e atividades produtivas como artesanatos.

O cultivo na reserva indígena de Cristianía pode ser classificado como misto. Esta classificação obedece à distribuição da terra na comunidade, devido a qual as parcelas de cada uma das famílias estão entre de $\frac{1}{4}$ e 1 ha. A fauna e a flora do seu território têm sido quase extinta, devido à expansão agrícola.

A organização política-administrativa está regida pelo “Cabildo”, o qual é uma instituição de governo indígena reconhecida pela Lei 89 de 1890, com autonomia e normas particulares. O “Cabildo” coordena as atividades da comunidade e a representa frente ao estado colombiano e outros setores. O “Cabildo” é constituído por um governador, um vice-governador, um secretário, um fiscal, um tesoureiro e é reforçado pelos grupos de apoio.

A máxima instância de participação comunitária é a Assembléia Geral, onde se tomam as decisões e dá-se informações gerais à comunidade. O controle social da reserva fica a cargo do Conselho de Conciliação e Justiça.

Portanto, as características culturais próprias dos Emberá-Chamí, eles têm a sua língua “O Chamí” e o “Jaibanismo⁴”, onde o “Jaibaná⁵” é o homem ou a mulher que tem o poder de conhecer e dirigir os espíritos do bem e do mal.

A elaboração de artesanatos como copos de barro é uma tradição em Cristianía, e em torno dela existem mitos entre as mulheres, ou seja, que este tipo de atividade representa a cultura e o pensamento Emberá. O tecido em miçanga tem tido grande importância entre a cultura indígena desta comunidade, e é uma atividade que fazem as mulheres em todas as suas idades. A principal peça elaborada é o “Okamá⁶”.

Na atualidade celebra-se a festa de “Benecúa” ou dança da “Chicha⁷”, esta festa é animada pelos grupos musicais existentes na comunidade. A religião praticada pelos

indígenas de Cristianía é a católica, sem prática massiva do culto e sem entendimento dos seus dogmas, a totalidade da população pratica uma religião introduzida.

A comunidade indígena Emberá – Chamí de Cristianía representa uma sociedade primitiva ou uma sociedade camponesa?

Para tratar de dar respostas a este questionamento, faremos uso das principais contribuições feitas pelos dois antropólogos resenhados anteriormente neste trabalho, Marshall Sahlins e Eric Wolf, que depois de um curto, mas minuciosa análise se identificaram as características que representam uma sociedade primitiva e uma sociedade camponesa, com maior importância nos aspectos antropológicos e econômicos.

A comunidade indígena de Cristianía pela localização geográfica que tem (cercania a centros urbanos), está longe de conservar os seus acervos culturais e sociais, pelo contrário, dia pós dia se encontra com um sem número de problemas que não tem solução, e a necessidades que não tem como suprir, isto talvez seja a principal razão para pensar que a comunidade Emberá-Chamí não poderia se nomear como uma sociedade “opulente”, já que tem criado ou incorporado um grande número de objetos na sua vida, que em geral não podem ser adquiridos pela maioria da população, e, fazendo alusión ao dito por Sahlins (1984, 1988), se poderia pensar em produzir mais, mas não possuem meios suficientes para elevar a sua produção (abundância material). Não se pode criticar o fato de que esta população tenha absorvido alguns aspectos de outras culturas nas suas vidas, pois se pode pensar que é uma reação natural entendendo o meio de moradia, que corresponde a um grupo de camponeses dedicados ao cultivo de café, e cuja produção é quase toda para o mercado externo (teceiro tipo de camponês segundo Wolf). Tendo em conta o descrito acima a comunidade de Cristianía, corresponderia a uma sociedade camponesa, que adota para si alguns elementos de outras culturas e os faz próprios, tal como o descreve Wolf, ou seja, os indivíduos desta comunidade devem desdobrar-se para obter um fundo de manutenção maior. Com isto vemos que a comunidade de Cristianía tem importância em produtos não essenciais (ponto de vista primitivo), e, portanto, a sua economia já não é mais de “subsistência”.

Na comunidade de Cristianía, se bem é certo que adopto muitos objetos, também é certo que adopto muito conhecimento de fora (benefícios comunitários, legislação indígena, políticas públicas, entre outros), e a maneira de transmitir este conhecimento convertem os Emberá-Chamí numa sociedade primitiva, pois, como diz Sahlins (1984, 1988), numa sociedade primitiva se evidencia um sentimento de solidariedade, e com o conhecimento os Emberá-Chamí são assim, já que deslocam brigadas de indivíduos da sua comunidade para

outras comunidades irmãs com o objetivo de realizar capacitação e transmitir o aprendido. Para os Emberá não representa nenhum trabalho morar por vários meses em outra comunidade, sempre e quando seja para fazer alguma atividade de utilidade para seus irmãos, devido a que sempre se pensa no bem-estar comum.

A divisão do trabalho na comunidade de Cristianía está dada como numa sociedade primitiva, por sexo e por idade, e esta divisão corresponde à uma lógica de organização própria que não tem nada de relação com o sistema nacional em que está inserida, isto se faz claro na organização política e administrativa que tem, já que com esta forma de organização eles interagem com o governo nacional mas, dentro da lógica comunitária, é diferente, e todos aqueles indivíduos que fazem parte do “Cabildo” passam a realizar tarefas comuns de agricultura, artesanato, entre outras.

Dentro da comunidade ainda se tem evidência de formas de troca, obviamente estas atividades de troca só tem desenvolvimento e é válido para com os membros da comunidade. Os elementos de troca são geralmente alimentos, que servem para balancear a dieta alimentícia das famílias da comunidade. O comportamento com as populações que não pertencem à etnia, é um comportamento de relações meramente comerciais, onde o que se produz no cultivo de café é na sua totalidade para o mercado externo à Federação de Cafeteiros do Sudoeste Antioqueño em Andes, isto converte a comunidade em dependente da federação para a venda dos seus produtos (café), e estabelece, portanto, uma relação de “fundo de aluguel”, já que é a federação a encargada de proporcionar fertilizantes, ferramentas e outros insumos para o cultivo deste café, se comparando claramente com uma relação entre produtor e grupo dominante.

Os cultivos de “Pão Coger⁸” são de consumo interno das famílias produtoras, mas em tempo de colheita de produtos, alguns excedentes vão para o mercado externo (quase sempre são vendidos às famílias camponesas, que ficam perto da comunidade e com as que têm laços de amizade). Este tipo de comportamento da comunidade de cristianía nas relações de comércio, pode evidenciar que os Emberá-Chamí ainda têm características de sociedades que se encontram nos limites entre uma sociedade primitiva e uma camponesa, e com este tipo de características será difícil chegar a uma resposta a nossa pergunta.

È claro que a comunidade de Cristianía está inserida em um sistema maior, representado por o Estado, que com a sua Constituição Política, legislação, políticas públicas de desenvolvimento, entre outras, pautam e tratam de direcionar a vida da população Emberá-

Chamí, mas são estas mesmas ferramentas usadas pelo Estado, as que garantem a existência dos povos indígenas, mas também estas regras estatutam a Cristianía na divisão social do trabalho dentro da comunidade, mas é aqui onde faz preseça a resistência cultural da que fala Sahlins e Wolf, mantendo para a comunidade certa “independência” social.

Em quanto a grupo familiar, os Emberá – Chamí consideram-se uma grande família, obviamente dentro da qual existem pequenos grupos familiares que corresponde às características debatidas por Wolf no seu livro “*Sociedades Camponesa*”, e quase todas pertencem à categoria de nuclear, já que a terra não é um bem que abunde na comunidade, o qual não permite que novas famílias sejam conformadas, pois de ser o contrário, o “Cabildo” devera asignar uma propriedade para a reprodução y produção dessa nova família, dentro da comunidade, pois a posesão da terra é comunitária.

Considerações Finais

Além do debate para dar resposta a nossa pergunta a que sociedade pertence, pode-se concluir que a Comunidade Indígena Emberá-Chamí de Cristianía, é uma comunidade que se encontra nos limites entre uma sociedade primitiva e uma sociedade camponesa, e que esta ambigüidade lhe permite viver num Estado como é o Estado Colombiano, um estado que ainda não tem regras claras frente à discussão da “étnicidade”, o território indígena e a sua proteção cultural.

O desenvolver este trabalho nós faz pensar que a linha entre as sociedades primitivas e camponesas na sociedade colombiana, tardará muito a ser definida por alguém, pois o comportamento das sociedades atuais é mais complexo do que se pensa, pela grande diversidade que tem a Colômbia, no que se refere aos povos indígenas e etnias.

Ficou claro neste trabalho, que uma sociedade como as sociedades indígenas, são sociedades complexas e que, portanto, sua análise é complexa, e deve de abordar varias perspectivas para ter um estudo mais amplo e poder fazer uma melhor explicação das situações e das realidades das comunidades que vamos a intervir.

Bibliografía

- WOLF, E, “**Sociedades Camponesas**”. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976 (cap. 1).
- WOLF, E , “*Antropología e Poder*”, Brasília, Editora da Unb, Editora da UNICAMP, impresa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. Gustavo Lins Ribeiro (UnB) Bela Feldman-Bianco (UNICAMP) série antropologia.
- SAHLINS, Marshall, “*La Economía em la Edad de Piedra*”, Akal, Madrid, 1984.
- SAHLINS, Marshall , “*Cultura y Razón Práctica*” , Gedisa, Barcelona, 1988.
- DEPARTAMENTO NACIONAL DE PLANEACIÓN, República de Colombia. 2002. “*Los pueblos Indígenas de Colombia en el umbral del nuevo milenio*”, Bogotá D.C, Colombia. 435p.
- HERNÁNDEZ, A. 1995. “*Ideas y prácticas ambientales del pueblo Emberá del Choco*”. Concultura, Colombia. 159p.
- FALS BORDA, O. 1998. “*Participación Popular: Restos de futuro*”, ediciones desde abajo Bogotá, Colombia, 89p.

Notas de final de texto

- 1 - Metros sobre o nível do mar.
- 2 - Palavra usada na língua espanhola para denotar um clima primaveral.
- 3 - Departamento ao ocidente colombiano.
- 4 - Termo usado pela língua Chamí para dar nome à medicina tradicional e ao poder dos espíritos.
- 5 - Medico tradicional comunitário.
- 6 - Colar usado pelas mulheres para ressaltar a sua beleza, e que representa a própria vida do indígena, a sua cultura (material e espiritual) e a sua identidade.
- 7 - Bebida elaborada com farinha de milho.
- 8 - Refere-se a cultivos usados para a alimentação diária das famílias da comunidade.